

Cinema
de
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia



26 - Novembro - 1966

"A MOÇA COM VALISE"

("La ragazza con la valigia")

FICHA TÉCNICA

Realização — Valerio Zurlini

Argumento e roteiro — Leo Benevenuti, Eurico Mediali,
Giuseppi Patroni Griffi e Valerio Zurlini

Fotografia — Enzo Gignitti

Cenografia — Flavio Mogherini

Música — Mario Nascimbene

Montagem — Mario Serandrei

Interpretação — Claudia Cardinale, Jacques Perrin, Renato Baldini, Conrado Pani, Gianmaria Volonte, Ronolo Valli

Produção — Titanus, 1960.

Nascido em Bolonha há quarenta anos, Valerio Zurlini só chegou ao cinema depois de estudar direito e fazer em Roma teatro universitário. Desde os vinte e dois anos, porém, passou ao campo das curtas-metragens: quinze ao todo, até o primeiro filme longo em 1954, "Le ragazze di San Frediano".

Esperou mais cinco anos para realizar outro filme, "Verão violento", em 1959. Vieram, contudo, dois êxitos sucessivos, este de "A moça da valise" (1960) e o de "Dois destinos" ("Cronaca familiare"), vencedor do Festival de Veneza, em 1962.

Situado entre os mais responsáveis cineastas contemporâneos da Itália — ao lado de Francesco Rosi, Vittorio de Seta, Elmano Olmi, Pier Paolo Pasolini, Marco Bellocchio, — Zurlini tem sua maneira própria de fazer cinema. Por sua confissão, sabe-se que desejaria do filme uma espécie de música de câmara, pelo ritmo contido, a modulação poética, nenhuma preciosidade formal.

Aqui, em "A moça com a valise", éle parte de um objetivo da realidade burguesa italiana: e o menor objeto, a menor palavra, o menor incidente podem satisfazer o historiador de amanhã. Claudia Cardinale nos aparece como uma representante típica da jovem florentina, nos seus detalhes de corpo e alma. Conforme nos lembraria a crítica francesa, um cineasta tradicional construiria em torno dela uma linda história verossímil sólida, de boa carpintaria. Zurlini, ao contrário, deixa sua personagem no meio burguês para captar a verdade de suas relações. Nasce, assim, um filme de pequenas coisas reais, que não são idéias impostas a uma história ou às personagens, porém surgindo naturalmente do confronto entre os elementos postos em presença um do outro. A descoberta da realidade humana se processa pelo antagonismo.

Há uma invenção de gestos e atitudes, que exigem um ponto de vista sobre o mundo. Cinema-olho, sim, mas com um certo olho, diz Jacques Joly. Seria o domínio da câmara reveladora, a desvendar na face humana os sentimentos em sua origem. E para tanto cumprir, a câmara evolui em torno do rosto maravilhado dos personagens ou o surpreende em longos planos fixos.

Italiano que detesta o pitoresco fácil, Zurlini depura e decanta o seu realismo. Sabe, todavia, nos devolver da vida imagens de grande

beleza. Um humanista como os da Renascença: a conciliação da beleza e da realidade;

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS

"Os sete samurais"

"24 horas em Moscou"

"A infância de Ivan"